

A cidade como espaço de socialização e intervenção humana

written by Cristina Montez | 12 de Setembro, 2023

OCIDADÃO
Jornalismo Livre



Cristina Montez

“(...) a cidade é igual a qualquer outra, também é simultaneamente diversa de qualquer outra, pela simples razão que ela é também uma abstracção, uma metáfora vivente, que pode ser descrita e apreciada através de infinitos modos e representações.”

Fernando Pessoa

Encarando a citação de Pessoa em jeito de premissa, contextualizemos.

O conceito de cidade não apresenta um padrão universal, é **variável de nação para nação** e mutável de acordo com uma panóplia de sinergias complexas e correlacionadas que compõem e encerram a realidade da própria urbe.

No fundo, a cidade é **um espaço de socialização**, de intervenção humana, contém o ícone da guarida histórica, de todo o processo construtivo de diferentes (co)rrelações a diferentes escalas, proporcionado por gerações anónimas que se espelham muitas das vezes de forma abstracta, tal como nos disse **Hideinburgo**.

Mas, esta cidade é quase como uma **espécie em extinção**.

Temos a noção de que a cidade e o indivíduo se **diluem** em infinitos modos de representações, com uma influência cada vez mais global e onde a ocupação do **"espaço"** já não é só física, mas também **virtual**.

Temos, também, a noção de que esta **nova cidade virtual** acaba por não carecer da presença física do homem, mas, e tal como nos disse **Corbusier**, *"a primeira prova de existência é ocupar o espaço"!*....

Esta virtualidade (**se assim se pode dizer**) retira às cidades uma das suas principais funções, a de serem **contempladas/apreciadas, percorridas a pé**. É esta forma de usufruto que nos apoia a reflectir sobre a nossa realidade **interior** e identificarmo-nos com a **exterior**, a confraternizar com o transeunte que por nós passa/acompanha e envolve.

É esta relação biunívoca homem/cidade que nos permite acarinhar/identificar com determinado **espaço/lugar**.

Fazendo uma brevíssima retrospectiva, poderemos dizer que passámos por uma cronologia que seguiu um **percurso orgânico**,

simbólico, místico, para dar lugar a uma realidade rectilínea dura, **racional**, quase que roçando a esterilidade emocional.

Encontramo-nos, agora, numa cidade onde surgem **espaços/lugares descaracterizados**, onde se destoem abruptamente memórias e se constroem emaranhados de redes que nos **desenraízam e desorientam**, eliminando a usufruível desejável liberdade amena, o normal fluir **de todo o processo civilizacional**.

Ou seja, o crescimento das cidades foi ao longo dos tempos sujeito a diferentes concepções, umas planeadas, outras com vista a dar resposta a problemas urgentes, tais como a **ausência de higiene/salubridade** ora causada por pestes, ora por êxodos e (e)imigrações populacionais, ora por **guerras**.

Muitas dos modelos planeados pecaram por **demasiado idealismo**, e muitas das concepções imediatas **pecaram pela ausência dele**. As respostas urgentes castraram toda e qualquer simbologia inerente a todos nós, que nos preenche como seres humanos. Ironicamente, verificamos que a presença de um pragmatismo exagerado devido à presença excessiva de **normas, regras, imposições**, onde o mundo das ciências exactas e dos chavões se reproduzem de forma impar e a um ritmo mutacional desconhecido, acaba por andar pelo patamar da utopia, **por inaplicabilidade das mesmas!**

Por sua vez, a presença de um **lirismo exagerado**, que se mistura com o mundo das ciências subjectivas, sociológicas, psicológicas, acaba por não nos deixar “espaço” para uma intervenção oportuna e atempada!

Esta clivagem entre processos de concepção das cidades ora demasiado pragmáticos, ora demasiado utópicos, **não tem conseguido dar resposta** às reais necessidades do indivíduo e esta nossa **cidade global**, ainda não encontrou o seu lugar na história, a sua identidade, porque ainda embrionária.

Portanto, para evitar a reprodução **dos erros passados**, urge um novo **“olhar concepcional”**, mais colorido de **humano**, menos

cinzento de **betão**, associado a todas as nossas naturais formas de encarar **as matizes psico-emocionais!**

Um olhar que apoie à estruturação da cidade/indivíduo, à **confortável orientação**, à (re)descoberta do nosso quadro de referências internas!

Um volver estético-emocional a percorrer por um processo de aculturação que exija, não só o **continuum naturale**, mas também um **continuum individual e social!**...